

# Falta Humor na Educação

LUÍS SOUTA\*

«Humor é o mais curto caminho entre cada homem»

Wolinski

## 1. Humor e Vida: um binómio de inclusão

Nunca ninguém viu nenhum animal rir, nem tão pouco sorrir; seja ele hiena, cão, gato, golfinho ou mesmo o nosso antepassado mais próximo – o símio. O humor é um traço distintivo da espécie humana. Rir é uma necessidade intrínseca à nossa existência (cf. artigo de Paulo Raposo). As crianças, logo nos primeiros meses de vida, revelam essa enorme apetência para a coisa mais natural do mundo – rir. Riso que antecede a palavra, outra das especificidades humanas. Estas capacidades, inerentes a todos os seres humanos, parecem, no entanto, seguir processos inversos de desenvolvimento: enquanto que a socialização e, muito em particular, a educação, se encarregam de desenvolver uma (a palavra), vão progressivamente abafando a outra (o riso). O nosso adagiário é pródigo nesses propósitos de contensão: *muito riso pouco siso; ri-te agora que logo choras; quem ri à quarta chora ao domingo*. O resultado aí está: «Nós não gostamos de nos rir. Somos, de profissão, tétricos», constata o Eça de Queiroz<sup>(1)</sup>. Mas se para muitos, esta é uma marca identitária que teima em persistir – «os portugueses alegram-se pouco»<sup>(2)</sup> – outros há que contrapõem a nossa propensão para de tudo fazer uma anedota; inesgotável fonte criadora, fácil de observar em qualquer almoço ou jantar de convívio que termina sempre na ritual “sessão de anedotas”, em que se sucedem o “já conheces aquela...?”, “queres ouvir a última...?”<sup>(3)</sup>. Aquilo que, até há bem pouco tempo, funcionava no exclusivo registo da oralidade, e na esfera do social (riamos com os outros), hoje fixa-se em livros de anedotas que se tornam uma mina editorial<sup>(4)</sup>, e que se usufruem na esfera do privado (passá-

mos a rir sozinhos).

Para uns o riso é um dom que se cultiva, se treina, e até se põe a render, dando mesmo lugar a uma profissão, cujas origens remontam ao bobo da corte. Na sociedade hodierna, a divisão social do trabalho, que cria especialistas disto e daquilo, faz surgir o *humorista* nas suas diversas facetas – o cartoonista, o cómico, o comediante, o palhaço. Com eles, e através da força imparável dos *media*, o humor-espectáculo democratiza-se e massifica-se. Os jornais não prescindem os cartoons e as tiras de banda desenhada do Calvin, da Mafalda, de Dilbert e outros mais. A rádio, órfã dos *Parodiantes de Lisboa*, é o eco da caixa mágica, onde figuras televisivas de proa fazem cópias audio de formato reduzido. A televisão marca a “agenda”, no melhor e no pior, e ao fomentar os programas de humor nas horas nobre, garante, deste modo, um bom posicionamento no *share*. E é assim que Benny Hill, Mr. Bean<sup>(5)</sup>, Jô Soares, Herman José ou os “bonecos” da *Contra-Informação*<sup>(6)</sup> se tornam figuras populares com grandes audiências. Quando o talento não os puxa para a brejeirice ou para a graçola alarve, são eles o sal que dá gosto às nossas desenxabidas vidas.

## 2. Humor e Escola: um binómio de exclusão

«O riso é a saúde» (E. Zamacois), a alegria de estar vivo, o sinal de inteligência. Só por estes três motivos, o seu lugar na escola devia estar assegurado (atenção, não disse decretado). Mas a escola é, por tradição, avessa à ironia, ao riso e muito

menos à gargalhada. Verdadeiros interditos, quase tabus. Por que será? A escola, por natureza, é uma instituição vocacionada para a aprendizagem formal. Aprender exige esforço, trabalho árduo e, nalguns casos, sacrifício. O ensino é uma “coisa séria” e, como nos ensinaram, «com coisas sérias não se brinca». Mesmo quando nos chamados “caminhos da inovação” se pro-

curou romper com rotinas sisudas, introduzindo o jogo e o lúdico, como forma de aumentar a motivação e atenuar o insucesso escolar, o humor (quando o havia) era *soft*, contido, pontual e de excepção. Em regra, caía-se no «trabalho é trabalho, conhaque é conhaque», ou dito de uma forma mais

contextualizada, «chega de brincadeira, vamos ao estudo».

Mas o que não deixa de ser curioso é que a escola, não cultivando o humor (bem pelo contrário), seja, no entanto, (ou por isso mesmo) um autêntico alfobre para anedotas e, agora também, para programas televisivos de sucesso; por exemplo, *As Lições do Tonecas*<sup>(7)</sup> – o mais visto da RTP1 (17,2%, em 7/1/99), tendo chegado a ser o segundo nos diferentes canais televisivos, logo a seguir à novela (em 3/9/98) – tem sido o único produto da televisão pública a intrometer-se na supremacia da SIC; daí, talvez, a tentativa desta estação privada criar algo de semelhante com a (excecrável) “escolinha do Baião” no *Big Show SIC*. Mas esta visibilidade da escola e seus actores em todos estes êxitos (quer se trate dos livros de anedotas ou dos programas de televisão) não nos conforta. Alunos e professores saem aí muito mal tratados. São vistos quase como mentecaptos, em interações que não vão além

Charles M. Schulz, *Peanuts* (da Imprensa)





Bill Watterson, Calvin &amp; Hobbes (da Imprensa)

da pergunta (parva)-resposta (idiota). A escola é assim transformada no reino da imbecilidade e da parvoeira.

### 3. Dossier "Humor na Educação": um outro olhar sobre o ensino

Este dossier, que a revista *Educação e Ensino* lança no seu 10º aniversário, é, sem sombra de dúvida, uma iniciativa editorial pioneira. Nada de semelhante foi tentado anteriormente. Daí o não podermos recorrer a modelos que nos servissem de referência, nem tão pouco convidar "especialistas" na matéria (não há um só Herman José da Educação). Apesar de ser uma ideia lançada (e aprovada em Conselho Editorial) há já algum tempo, o dossier precisou de um dilatado período de maturação, para a sua concepção, para o trabalho de escrita dos colaboradores que aceitaram o desafio, para a pesquisa e selecção de extractos e ilustrações sobre esta temática e, em especial, para a obtenção das respectivas autorizações das editoras para divulgação desses seus materiais<sup>(8)</sup>. Por tudo isto, dos vários dossiers que coordenámos nesta revista (e já lá vão seis), este foi o de mais difícil realização... mas também o de maior gozo.

O dossier, para além de trabalhos originais (cinco artigos, catorze textos curtos e algumas ilustrações), apresenta (como novidade na nossa revista) um conjunto de materiais extraídos de livros publicados em Portugal, e que funciona como uma amostra do humor que por cá se vai editando (em que a tradução supera a exígua produção nacional).

Com o dossier *Humor na Educação* procurou-se contrariar a arreigada atitude de

que «quase nunca rimos de nós próprios» (E. Blasco) e que no campo do ensino é ainda mais evidente. Ao mesmo tempo, procurou-se dar sentido à ideia de Eça – o humor é «a mais útil [...] e ainda a mais terrível forma de crítica» – ... do sistema educativo, acrescentamos nós. E foi este o *leit-motiv* que propusemos aos nossos colaboradores e que orientou a selecção dos materiais. Latas são as fronteiras do que se entende por humor e pela forma como ele se manifesta; o dossier reflecte, naturalmente, essas diferentes interpretações e abordagens ao tema (cf. os artigos de Ana Laura Valadares, Raúl Iturra, Rui Torrado Valente). Em comum, a partilha do princípio que «o riso é uma filosofia»<sup>(9)</sup>, uma forma de estar na vida, que permite, em muitos casos, um olhar diferente na análise dos problemas e até na forma de intervir nas situações concretas. Face à confusão e ineficácia que reina em largos sectores do sistema, ao politicamente correcto que pauta o discurso oficial das mais variadas lideranças e, muito em particular, ao pensamento único que alastra no domínio educativo... quase só nos resta o humor.

Não quero terminar sem manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que se atreveram a acompanhar-me nesta "ousadia editorial": em primeiro lugar, aos colaboradores (e muitos deles foram-no de forma involuntária... e não estou só a pensar no renascentista Erasmo<sup>(10)</sup>); em segundo lugar, às editoras que cederam a reprodução dos seus materiais sem pedir contrapartidas.

Estamos conscientes que o humor não tem "valor em si", ele só "existe" se provocar reacção nos destinatários. Ficamos aguardar pelas vossas...

### Notas e Referências

- (1) Eça de Queiroz (1891), *Uma Campanha Alegre II*. Mem Martins: Europa-América/livros de bolso, nº 494, [1987], p. 26.
- (2) "Afinal, (não)rimos de quê?", *Público*, 3/12/95, pp. 24-26.
- (3) «durante o dia de hoje ouvi setenta e cinco anedotas (...) essas estúpidas pílulas de chalaça, fabricadas às séries para bocas sem imaginação», José Gomes Ferreira *Imitação dos Dias*: (1966:83).
- (4) *Anedotas do Bocage*, Lisboa: Vega/colecção Almanaque, 2ª edição, 1996. António Sala (1984) *Dicionário de Anedotas*. Lisboa: Dinalivro, 7ª edição [1987]. António Sala (1986) *Anedotas de Sala*. Lisboa: Dinalivro, 3ª edição, [1991]. Guilherme Leite (1998) *Cabecinha Pensadora* (anedotas sobre lisboetas; a vingança do compadre Vicêncio). Lisboa: Dinalivro. Herman José (comp. e il.) (1987) *As Anedotas do Herman*. [Lisboa]: Jovitur, 2ª edição. João Fontalva (1985) *Anedotas & Ditos de Espírito*. Lisboa: Editorial Notícias/colecção Coisas Nossas, nº 4, 11ª edição, 1998.
- (5) A (re)ver *Back to School Mr. Bean* de Paul Weiland com Rowan Atkinson; passou na RTP 1 em 24/3/96.
- (6) O programa *Contra-Informação*, no "ranking diário" da RTP1, aparecia em 1º lugar com 18,6%, em 19/3/99.
- (7) *As Lições do Tonecas* de José de Oliveira Cosme. Lisboa: Livrolândia, 1988 [transmitidas inicialmente no Rádio Clube Português; adaptado à televisão, com estreia em 4/9/96].
- (8) Das dezoito editoras convidadas a colaborar nesta edição, apenas nove nos chegaram a responder; e depois queixam-se que, em Portugal, o *copyright* é letra morta.
- (9) Eça de Queiroz (1891), *Uma Campanha Alegre I*. Mem Martins: Europa-América/livros de bolso, nº 493, [1987], p. 21.
- (10) Todos esses colaboradores são lembrados na ficha técnica da revista (p. 1).